

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ISABELLA MOREIRA LASMAR

**BREVE ESTUDO SOBRE O CONCEITO DE ANGÚSTIA EM FREUD, EM
KIERKGAARD E EM SARTRE E SUAS POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES PARA A
ABORDAGEM DA ANGÚSTIA NA CONTEMPORANEIDADE**

Belo Horizonte

2017

ISABELLA MOREIRA LASMAR

**BREVE ESTUDO SOBRE O CONCEITO DE ANGÚSTIA EM FREUD, EM
KIERKGAARD E EM SARTRE E SUAS POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES PARA A
ABORDAGEM DA ANGÚSTIA NA CONTEMPORANEIDADE**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Teresa Melo Carvalho

Belo Horizonte

2017

Isabella Moreira Lasmar

**BREVE ESTUDO SOBRE O CONCEITO DE ANGÚSTIA EM FREUD, EM
KIERKGAARD E EM SARTRE E SUAS POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES PARA A
ABORDAGEM DA ANGÚSTIA NA CONTEMPORANEIDADE**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Teoria Psicanalítica.

Prof. Dra. Maria Teresa Melo Carvalho – UFMG (Orientadora)

Prof. Dr. Verlaine Freitas – UFMG (Banca Examinadora)

Prof. Dra. Cassandra Pereira França – UFMG (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 26 de junho de 2017.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai e minha mãe, por todo o apoio e incentivo à formação profissional e humana.

À professora Maria Teresa Melo Carvalho, pelas importantes contribuições neste trabalho e por todo o ensino ofertado ao longo da especialização.

Ao Lucas, por todo o apoio, carinho e compreensão durante esta caminhada.

Aos professores do CETEP: Cassandra, Verlaine, Fábio, Alberto e Felipe, pelas preciosas contribuições e aprendizagem que levarei comigo para as próximas etapas da minha formação.

Aos amigos, que estão sempre ao meu lado e compartilham comigo cada conquista com muita alegria.

Enfim, aos colegas psicólogos que, de forma direta ou indireta, agregaram participando destas e outras discussões.

RESUMO

O conceito de angústia é de fundamental importância para a teoria e prática clínica em psicanálise e sempre foi alvo de muito estudo desde Freud. O presente trabalho propõe uma retomada desse estudo, trazendo as contribuições mais relevantes de Freud acerca do tema, com ênfase na primeira e segunda teoria da angústia. Além disso, no campo da filosofia existencial, Kierkegaard e Sartre têm como ponto de partida de suas teorias o conceito de angústia, que também será analisado no intuito de buscar as interseções com a teoria freudiana e as diferenças entre elas. Chama a atenção que vários aspectos observados por esses filósofos, embora não sejam contemporâneos, estão presentes na atualidade. Pensando nisso, o trabalho propõe, além de abordar os aspectos contemporâneos de Kierkegaard e Sartre sobre a angústia, trazer as contribuições dos autores pós-freudianos que se debruçaram sobre o tema, no intuito de responder como a angústia se manifesta no cenário contemporâneo. Podemos pensar que a liberdade adquirida com o excesso de possibilidades que permeia nossa vida produz angústia? Através de uma ordem de mercado que propaga o imperativo do gozo, como podemos pensar a vivência da angústia frente à responsabilidade de escolher entre tantos caminhos? O presente trabalho, ao discutir o conceito de angústia visa, portanto, relançar a questão sobre a especificidade das manifestações de angústia na contemporaneidade, tendo como fundamento essas questões.

Palavras-chave: psicanálise; angústia; angústia na contemporaneidade; existencialismo e angústia.

ABSTRACT

The concept of anguish is very important for the theory and clinic practice in psychoanalysis and was always target of study since Freud. The present work proposes a retake of this study, bringing the most relevant contributions about the theme, with emphasis on the first and the second theory of anguish. Besides that, in the field of existential philosophy, Kierkegaard and Sartre have as starting point of their theories the concept of anguish, which will also be analyzed with the intention of searching the intersections with the Freudian theory and the differences between them. Draws attention to the fact that several aspects observed by these philosophers, although they are not contemporaries, are presented today. Thinking about that, the work proposes, besides boarding the contemporary aspects of Kierkegaard and Sartre about anguish, to bring the contributions of post-Freudians authors who have studied the theme, with the intention of answering how anguish is manifested in the contemporary scenario. Can we think that freedom gained with the excess of possibilities that permeates our lives generates anguish? Through a market order that propagates the imperative of enjoyment, how can we think of the experience of anguish in the face of responsibility of choosing among so many paths? The present work, when discussing the concept of anguish aims, therefore, to relaunch the question about the specificity of the manifestations of anguish in the contemporaneity, having as basis these questions.

Keywords: psychoanalysis; anguish; anguish in the contemporaneity; existentialism and anguish

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1 O CONCEITO DE ANGÚSTIA EM FREUD	10
2.1 A primeira teoria da angústia.....	12
2.2 A segunda teoria da angústia.....	15
3 O CONCEITO DE ANGÚSTIA EM KIERKEGAARD E SARTRE.....	18
3.1 Soren Kierkegaard	18
3.2 Jean-paul Sartre	20
3.3 Aproximações entre Freud, Kierkegaard e Sartre	22
4 A ANGÚSTIA NA CONTEMPORANEIDADE	25
4.1 A sociedade de consumo e o excesso de possibilidades.....	26
4.2 Angústia e liberdade.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

O conceito de angústia ocupa um lugar central na Psicanálise, tendo sido amplamente estudado por Sigmund Freud e também por psicanalistas contemporâneos. Ao longo das formulações freudianas, a teoria da angústia passou por muitas modificações. Inicialmente, era compreendida como sendo o produto de um acúmulo de excitação não descarregada. Depois, com os estudos sobre a neurose de angústia, passou a ser postulada como sendo o afeto liberado pelo processo de recalque, de forma que a representação que sofria recalque liberava o afeto sob a forma de angústia. Posteriormente, a angústia passa a ser compreendida como precursora do recalque. Dessa maneira, podemos perceber que o tema da angústia possui um lugar de importância para a teoria e a clínica psicanalítica, já que se relaciona intimamente com a neurose e com o funcionamento psíquico.

Autores contemporâneos também se dedicaram ao estudo do conceito, produzindo importantes considerações que serão aprofundadas no decorrer deste trabalho, com o intuito de situar como a angústia se manifesta no contexto atual. Isto se torna relevante já que nas últimas décadas a sociedade tornou-se globalizada e impulsionada pelas regras do mercado, onde o indivíduo vive em um ritmo acelerado, pressionado pela ordem do gozo a qualquer preço e cercado por inúmeras opções de escolha. Pensando nisso, essas mudanças intrínsecas à sociedade contemporânea produzem também outras formas através das quais os sujeitos vivenciam o mal-estar e, neste cenário, cabe-nos refletir também como a liberdade individual adquirida através das mudanças na configuração familiar e dos avanços tecnológicos e científicos podem se tornar fonte de angústia para o sujeito contemporâneo.

O trabalho propõe, portanto, através de uma revisão bibliográfica, explorar o conceito de angústia na teoria freudiana e, posteriormente, na filosofia existencialista, buscando compreendê-lo frente às demandas da sociedade contemporânea. Posteriormente, agregam-se ao debate os pensadores contemporâneos que se dedicaram a pensar a sociedade atual, no intuito de avaliar os efeitos produzidos em relação à angústia e às novas formas de subjetivação.

Na primeira parte do trabalho, será apresentado de maneira generalizada o caminho trilhado por Freud e suas mudanças teóricas realizadas ao longo do seu desenvolvimento sobre o tema. Posteriormente, destacam-se os aspectos principais das ideias freudianas acerca da angústia, com foco na primeira e na segunda teoria da angústia.

Em um segundo momento, parte-se da filosofia existencialista para compreender o conceito de angústia nas visões de Soren Kierkegaard e Jean-Paul Sartre, buscando situá-lo no contexto da sociedade contemporânea. Em seguida, faz-se uma análise a respeito do conceito de ambos os campos do saber no intuito de identificar as possíveis aproximações entre eles.

Por fim, as reflexões se pautam pelos trabalhos de autores que se interessaram pelos efeitos que os avanços tecnológicos e científicos podem gerar na sociedade, nos sujeitos e nas formas de vivenciarem a angústia. Para isto, busca-se como referência o sociólogo Zygmunt Bauman para refletirmos acerca das mudanças sociais e dos efeitos produzidos pela lógica de mercado, além de psicanalistas pós-freudianos que se dedicam ao tema da angústia e podem contribuir para este trabalho.

Para o melhor entendimento do leitor, cabe ressaltar que na tradução adotada pela Edição Standard Brasileira, utilizada neste trabalho, o termo alemão *angst* foi traduzido para o inglês *anxiety*. As palavras *angst* e *anxiety* designam “estretar”, “apertar”, exprimindo o estado daquele que se acha “estrangulado”, “estretado”, “sufocado”. Em ambos os casos, a referência que se faz é aos sentimentos asfíxiantes que caracterizam as formas do estado psicológico da angústia. No entanto, ao traduzir *anxiety* para o português, o editor inglês optou pelo termo *ansiedade*, que não corresponde ao estado psicológico em questão. O termo mais correto para traduzir *ansiedade* nesse caso seria *anxiousness*, e não *anxiety*, pois no português é no termo angústia que encontramos reproduzida essa ideia de estreitamento e restrição, e não no termo *ansiedade*, conforme o leitor verá nas citações literais presentes no trabalho. Trata-se de uma dificuldade na tradução inglesa do termo *angst*, conforme explicada no apêndice “O termo “angst” e sua tradução inglesa” (1895b), e cabe-nos ressaltá-la para que o leitor não confunda nas citações freudianas o termo *ansiedade* com angústia. Dessa forma, o termo *ansiedade* que aparecerá no decorrer do trabalho deve ser traduzido pelo leitor por angústia.

1 O CONCEITO DE ANGÚSTIA EM FREUD

O conceito de angústia ocupa um lugar central na Psicanálise, tendo sido amplamente estudado por Sigmund Freud e também por psicanalistas contemporâneos. Ao longo das formulações freudianas, a teoria da angústia passou por muitas modificações, que serão abordadas em seus aspectos mais relevantes neste capítulo. A escolha dos textos partiu de um estudo sistematizado das principais obras que retratam o tema da angústia e que mais puderam contribuir para enriquecer a proposta.

As primeiras formulações abordam a relação entre a angústia e a sexualidade. Freud (1893) parte de seus estudos sobre a neurastenia, que reconhece como uma consequência frequente da vida sexual anormal, o que o levará à hipótese segundo a qual toda neurastenia está relacionada a uma disfunção da vida sexual. Freud associa o coito interrompido ao surgimento de fenômenos neurastênicos. Pensava que a angústia sofrida pelos pacientes era um prolongamento da angústia vivenciada no ato sexual, ou seja, era na realidade um sintoma histérico, pois na neurose de angústia existe uma espécie de conversão, tal como ocorre na histeria. Dessa forma, a angústia vivenciada no ato sexual se convertia em neurose de angústia. Inicialmente, considerou que duas coisas poderiam originar o sentimento de angústia no coito interrompido: na mulher, o receio de ficar grávida e, no homem, o receio de que o seu método preventivo falhasse. No entanto, posteriormente verificou que a neurose de angústia também surgia em situações em que, para as duas pessoas, a possibilidade de terem um filho não consistia em uma questão de grande importância. Dessa forma, concluiu que as angústias vivenciadas no coito interrompido não constituem, necessariamente, o fator que leva à neurose de angústia.

Freud (1894) pergunta-se então de que maneira se origina a angústia. A partir da observação de que a neurose de angústia afeta tanto as mulheres que são frígidas quanto as que têm sensibilidade no coito, define que a origem da angústia não deve ser buscada na esfera psíquica, e sim na esfera física, sendo a causa da angústia um fator físico na vida sexual. Reuniu então diversos casos em que encontrou a angústia originando-se de uma causa sexual e concluiu que o que há de comum neles, com maior frequência, é a abstinência. Quando constata que mesmo as mulheres frígidas estão sujeitas à angústia após o coito interrompido, Freud propõe que a questão se trata de acumulação física de excitação, ou seja, acumulação de tensão sexual física. Assim, a acumulação deriva da consequência de ter sido evitada a descarga, o que o leva a concluir que a neurose de angústia é uma neurose de

represamento, como a histeria. Dessa forma, nenhuma angústia está contida no que é acumulado, mas surge por transformação a partir da tensão sexual acumulada, ou seja, a excitação sexual acumulada transforma-se em angústia.

Na neurose de angústia, essa transformação ocorre a partir de um aumento de tensão física que consegue atingir o limiar para despertar o afeto psíquico, mas por algum motivo essa conexão psíquica que lhe é oferecida permanece insuficiente. Assim, um afeto sexual não pode ser formado porque falta algo nos aspectos psíquicos, o que faz com que a tensão física, não sendo psiquicamente ligada, transforme-se em angústia. Esta, segundo Freud (1894), é a sensação de acumulação de um outro estímulo endógeno, o estímulo de respirar, sendo este um estímulo incapaz de ser elaborado psiquicamente e, por isso, a angústia poderia ser derivada da tensão física acumulada em geral, e não somente da tensão física sexual. Além disso, os sintomas da neurose de angústia assemelham-se aos vislumbrados em um ataque de angústia, sendo estes: dispnéia, palpitações, sensação de angústia, que podem ocorrer de maneira isolada ou como uma combinação desses elementos. A dispnéia e as palpitações fazem parte do coito, e são habitualmente utilizadas somente como vias auxiliares de descarga, mas, no caso da neurose de angústia, servem como as únicas saídas para a excitação. Dessa forma, tal como na histeria, existe uma espécie de conversão. No entanto, na histeria a excitação psíquica toma um caminho errado com direção à área somática ao passo que na neurose de angústia é a tensão física que não consegue penetrar no âmbito psíquico e permanece no trajeto físico, tendo como consequência o uso anormal dessa excitação. A neurose de angústia é compreendida como neurose atual, caracterizada pela acumulação de uma excitação sexual que se transforma diretamente em sintoma, sem mediação psíquica. Assim, há um acúmulo de excitação sexual que não consegue encontrar descarga no campo psíquico, concentrando-se no plano físico. Já a histeria é denominada de psiconeurose, na qual a energia sexual passa pelo aparelho psíquico e sofre o processo de recalçamento, ocorrendo a separação do afeto e da representação a ele correspondente. Esse mecanismo de recalque é fruto da defesa do ego contra o conflito entre a representação e a excitação sexual sentido como ameaçador para o psiquismo, dando origem ao sintoma. É importante salientar que nessa época, Freud estava empenhado em fazer essa distinção entre neurose atual e psiconeurose, e se destaca pela importância que essa investigação obteve ao longo de sua obra e no estudo posterior das psiconeuroses.

Freud (1895b) escreve um texto dedicado à neurose de angústia em que aborda esses elementos estudados por ele anteriormente, mas acrescenta algumas ideias importantes. Destaca-se entre elas, a ideia de que o psiquismo é invadido pelo afeto de angústia quando se

sente incapaz de lidar com um perigo externo, e resulta em uma neurose de angústia quando se sente incapaz de equilibrar a excitação sexual que vem de dentro do organismo, comportando-se como se estivesse projetando tal excitação para fora. Dessa forma, o afeto e a neurose correspondente a ele estão inter-relacionados, de maneira que o afeto é uma reação a uma excitação exógena, e a neurose constitui uma reação à excitação de origem endógena análoga. Dessa forma, faz-se uma distinção entre o afeto da angústia e a neurose de angústia, pois o afeto reage à excitação exógena que age num único impacto e, por isso, é um estado que passa rapidamente, enquanto a neurose é um estado crônico já que a excitação endógena atua como uma força constante.

Freud (1895b) concluiu o estudo desses primeiros textos acerca da neurose de angústia destacando novamente os pontos em comum que tem com a histeria, assim como a importância que ambas têm para a teoria das neuroses. O autor salienta que além do acúmulo de excitação, constata-se em ambas uma insuficiência psíquica e um desvio da excitação para o campo somático em vez de ocorrer uma elaboração psíquica, tendo como consequência o surgimento dos sintomas. A diferença encontra-se apenas no fato de que na neurose de angústia o deslocamento da excitação é puramente somático, ao passo que na histeria é psíquico, provocado por um conflito. Freud coloca em relevância essas relações íntimas da neurose de angústia com a histeria a fim de argumentar sobre a importância de destacar a neurose de angústia da neurastenia, pois, se essa separação não for realizada, surge a impossibilidade de continuar mantendo a distinção entre neurastenia e histeria, cujo estudo foi considerado por ele tão indispensável para a teoria das neuroses.

2.1 A primeira teoria da angústia

Inicialmente, cabe ressaltar que não houve da parte de Freud nenhuma divisão a respeito de sua teoria da angústia. Tornou-se convenção entre os estudiosos da psicanálise nomear duas fases distintas do pensamento freudiano em primeira e segunda teoria da angústia.

Nesta primeira teoria, Freud dá continuidade ao tema da angústia a partir do desenvolvimento do seu estudo com as fobias. Em “Obsessões e fobias” (1895a), propõe que a fobia faz parte da neurose de angústia e faz uma distinção entre duas classes de fobias, conforme a natureza do objeto temido. O primeiro grupo trata-se de fobias comuns, referente ao medo exagerado de coisas que todos detestam ou temem em algum grau, tais como a

solidão, a morte, as doenças, os perigos em geral, etc. O segundo grupo equivale às fobias contingentes, ou seja, refere-se ao medo de condições especiais que não despertam medo ao ser humano normal como, por exemplo, a agorafobia e as outras fobias da locomoção. Assim, o estado emocional só aparece em condições especiais, evitadas cuidadosamente pelos pacientes.

A fobia de Hans, cujo caso clínico foi publicado em 1909, pertence ao segundo grupo. Na discussão desse caso, Freud retoma a questão da fobia e introduz uma nova identidade clínica, denominada por ele de histeria de angústia, retratando-se à espécie de fobia sofrida por Hans. Essa designação deve-se à semelhança entre a estrutura psicológica desse tipo de fobia e a da histeria. Segundo o autor, a diferença entre ambos consiste em um único ponto. Na histeria de angústia, a libido que havia sido libertada do material recalcado não sofre conversão, mas é posta em liberdade sob a forma de angústia.

Pode-se dizer que a histeria de angústia é uma fobia na qual a angústia ainda não foi ligada a um objeto que, pela sua condição de despertar o medo, permita evitá-la. Nas fobias, as representações angustiantes já estão amarradas a determinados objetos afastados do original.

Freud (1909) aponta que uma característica fundamental da histeria de angústia é que esta tende a desenvolver-se mais para a fobia. Segundo ele, ao final do processo o paciente pode ter se livrado de toda a sua angústia, mas somente ao preço de ter se sujeitado a todos os tipos de restrições. A justificativa seria de que,

Desde o começo, na histeria de angústia, a mente está constantemente trabalhando no sentido de ligar psiquicamente, mais uma vez, a ansiedade que tinha se liberado; mas esse trabalho não pode nem efetuar uma retransformação da ansiedade em libido, nem estabelecer qualquer contato com os complexos que foram a fonte da libido. Nada lhe resta, a não ser cortar o acesso a todo possível motivo que possa levar ao desenvolvimento de ansiedade, erigindo barreiras mentais da natureza de precauções, inibições ou proibições; e são essas estruturas protetoras que aparecem para nós sob a forma de fobias e que constituem aos nossos olhos a essência da doença. (FREUD, 1909/2006, p.107).

A partir dessa explicação, pode-se observar que Hans, por meio da fobia de cavalos, experimentava intensos sentimentos de angústia diante da possibilidade de vê-los. Dessa forma, evitou sair às ruas com o objetivo de evitar os cavalos e, assim, evitar a angústia. A defesa contra a angústia, então, foi criada a partir dessa inibição.

Posteriormente, em 1916-1917, Freud faz uma distinção entre a angústia realística e a angústia neurótica. A primeira é vista como algo racional e inteligível, sendo a reação à percepção de um perigo externo. Relaciona-se com o reflexo de fuga e atua como manifestação da pulsão de autopreservação. Assim, o estado de preparação para o perigo se manifesta por meio de um aumento da atenção sensorial e da tensão motora. Já na angústia neurótica, encontra-se uma apreensão generalizada, uma espécie de angústia que está pronta para se ligar a alguma representação que seja apropriada de algum modo para esse fim. Freud (1916-1917) denomina esse estado de expectativa angustiada, o qual as pessoas sempre prevêem os terríveis acontecimentos e possibilidades, interpretam qualquer evento casual como um mau presságio e vivenciam as incertezas num mau sentido. Porém, a desmensurada quantidade de angústia compõe o quadro de neurose de angústia descrito nas formulações acima. Em oposição a ele, observa-se uma segunda forma de angústia que é psiquicamente ligada e vinculada a determinados objetos e situações, que é a fobia.

O autor divide a fobia em três grupos: o primeiro refere-se àquelas pessoas que temem alguns objetos e situações que têm algo de perigoso também para as pessoas normais e, portanto, alguma relação com o perigo não é inteligível nesse caso, embora sua intensidade seja muito exagerada. O segundo grupo situa os casos nos quais uma relação a uma situação de perigo ainda existe, mas estamos acostumados a minimizá-lo e não prevê-lo. Já o terceiro grupo de fobias foge à nossa compreensão, pois a forma de angústia neurótica nos apresenta um fato enigmático no qual a conexão entre a angústia e um perigo ameaçador foge completamente à nossa percepção.

A partir da análise de histéricas, Freud (1916-1917) percebeu que a angústia frequentemente aparece junto com os sintomas, mas também surge angústia desvinculada, manifestada sob a forma de ataque ou como uma condição crônica. Situa então a angústia como sendo o afeto que resulta do processo de recalque, de maneira que a representação que sofreu recalque libera o afeto que estava a ela vinculada sob a forma de angústia, ou seja, a descarga sob a forma de angústia é o destino imediato da libido quando sujeita ao recalque. A angústia então assume a posição de “moeda corrente universal pela qual é ou pode ser trocado qualquer impulso, se o conteúdo ideativo vinculado a ele estiver sujeito à repressão” (FREUD, 1916-1917/2006] p.404), e os sintomas são formados para fugir a uma geração de angústia. Dessa forma, a angústia neurótica faz uma tentativa semelhante de fuga da exigência feita por sua libido, que o ego trate este perigo interno como se fosse um perigo externo e, então, dá lugar à formação de sintomas como uma forma de defesa. Este ponto de vista é de

fundamental importância para a clínica da neurose, na medida em que coloca a angústia num lugar central.

Voltando ao processo de recalque, considera-se, portanto, que o afeto vinculado à representação recalçada sofre a vicissitude imediata de ser transformado em angústia. Freud considera essa transformação do afeto a parte mais importante do processo de recalque. O autor salienta que a representação permanece a mesma, mas o afeto é um processo de descarga e a transformação em angústia é o destino imediato da libido quando sujeita ao recalque.

Acrescenta-se que esse destino não é o único e nem o definitivo. Nas fobias, por exemplo, distinguem-se duas fases do processo neurótico. A primeira relaciona-se com o recalque e a modificação da libido em angústia, que é então vinculada a um perigo externo. A segunda consiste em evitar todo o contato com esse perigo, que é tratado como algo externo. O recalque, portanto, corresponde a uma tentativa feita pelo ego de fugir da libido que é sentida como perigo ao passo que a fobia compara-se a um entrincheiramento contra um perigo externo que passa a representar a libido temida.

Freud (1916-1917) faz uma distinção importante entre angústia realística e angústia neurótica. A primeira consiste na reação à percepção de um perigo externo e relaciona-se ao reflexo de fuga, manifestando através da pulsão de autopreservação. Na angústia neurótica, a percepção do perigo é interna, isto é, o ego sente a libido como ameaçadora. Diante disso, o ego faz uma tentativa semelhante de fuga da exigência feita por sua libido e trata este perigo interno como se fosse um perigo externo. Isto fundamenta a ideia segundo a qual onde se manifesta angústia, existe algo que se teme. Essas duas formas de angústia designadas por Freud foram peças fundamentais para a elaboração da segunda teoria da angústia, em que Freud reformula alguns aspectos por meio da retomada que faz da análise de Hans.

2.2 A segunda teoria da angústia

Em 1926, Freud altera a teoria ao dizer que a angústia é anterior ao processo de recalque, e não posterior como havia se pensado. Esta formulação tem como base algumas considerações relevantes: a análise da fobia como o protótipo da neurose, o eu como a sede e o produtor da angústia e também a concepção de um perigo real ou percebido como tal.

Retomando sua análise de Hans, Freud (1926) vai ratificar suas conclusões acerca do perigo experimentado pela criança. Nesse sentido, ele destaca que Hans acredita que pode ser

castrado pelo pai, e então, a partir da angústia sentida pelo Ego, ocorre o recalque do desejo incestuoso pela mãe. Desse modo, torna-se necessária a consideração da angústia como anterior ao recalque. O perigo, no caso a castração que advém do pai representado pelo cavalo, é repensado por Freud em termos de um perigo realístico. Portanto, destaca-se que não houve, ainda, recalque quando ocorre a incidência da angústia e o eu, sinalizando o perigo sem estar preparado para ele, se angustia, acionando a defesa do recalque.

A defesa exercida pela fobia mostra-se eficiente, na medida em que não há o aparecimento da angústia. Esta se transforma em medo do objeto que, contudo, só pode aparecer na presença dele, de forma que a própria formação dos sintomas está associada à evitação da angústia, e a formação do objeto temido obedece a essa evitação. A partir do mecanismo da fobia, portanto, o perigo sinalizado pela angústia é evitado, pois o medo de cavalo só pode ser sentido por Hans na presença dos cavalos, bastando não vê-los para não sentir medo, ao passo que a angústia que vem de dentro não é passível de fuga. O que é evitado não é a angústia em si, mas o perigo ao qual ela remete. Freud diz:

A ansiedade é uma reação a uma situação de perigo. Ela é remediada pelo ego que faz algo a fim de evitar essa situação ou para afastar-se dela. Pode-se dizer que se criam sintomas de modo a evitar a geração de ansiedade. Mas isto não atinge uma profundidade suficiente. Seria mais verdadeiro dizer que se criam sintomas a fim de evitar uma situação de perigo cuja presença foi assinalada pela geração de ansiedade. Nos casos que examinamos, o perigo em causa foi o de castração ou de algo remontável à castração. (FREUD, 1926/2006, p.128).

Dessa forma, os sintomas são criados a fim de remover o ego de uma situação de perigo. Se os sintomas são impedidos de serem formados, uma situação análoga à experiência do nascimento se estabelece e o ego fica desamparado frente a uma exigência pulsional crescente, o que constitui uma ameaça a sua integridade.

Freud considera o protótipo da experiência da angústia o nascimento, devido ao desamparo biológico vivido pelo bebê e a separação deste do corpo da mãe, cuja vivência produz um excesso de excitações advindas do mundo exterior e a incapacidade de simbolização desta experiência, constituindo a primeira experiência de angústia vivida pelo ser humano, tamanho o desamparo experienciado.

Na infância, a experiência da angústia se relaciona à perda do objeto e destaca que é a ausência da imagem mnêmica da pessoa amada intensamente investida que pode se transformar em angústia. Para ele, a ausência da mãe que constitui o perigo para a criança, e

logo que surge esse perigo ela dá o sinal de angústia. A angústia como um sinal de perigo indica para o ego o perigo de perda do objeto e sua conseqüência, que é o retorno da situação traumática.

Posteriormente, as experiências de angústia funcionariam como uma sinalização da possibilidade de retorno da experiência de desamparo do indivíduo, um sinal de perigo. Freud marca então a passagem da angústia automática para a angústia sinal, a qual permite ao sujeito um preparo diante do que pode ser traumático. Dessa forma, a angústia é um sinal do ego diante do retorno do recaiado, constituindo um perigo pulsional, já que o recaiado é sempre um desejo proibido que insiste em retornar, muitas vezes pela via do sintoma. O sujeito frente à eminência do retorno do recaiado reproduz uma angústia já vivida, o que coloca em ação os mecanismos de defesa.

Observa-se que a angústia deixou marcas ao longo da história libidinal do sujeito, evidenciando a base do desamparo humano e a grande demanda de amor dos indivíduos, já que a partir de seu protótipo, passa a se relacionar com o perigo da perda do objeto amado ou da separação deste. Com base nisto, relaciona-se que na primeira infância, a criança vivencia o medo da perda do objeto de amor, sendo a ausência da mãe a causa da angústia. Na fase fálica, existe o temor da castração e, no período de latência, o medo da perda da proteção do superego. Nestes exemplos, pode-se notar que angústia e medo estão interligados desde os primórdios da vida humana.

Acrescenta-se a isso, algumas considerações de Laplanche (1993), referentes à Problemática I, onde o autor faz uma leitura minuciosa dos primeiros textos de Freud. O psicanalista francês faz considerações interessantes a respeito dessa relação entre angústia e medo. Para ele, o par *Furcht-Angst*, apresenta o problema da relação da angústia com o objeto. Dessa forma, medo implica relação com o objeto e com os perigos que ele suscita. Já a angústia implica indeterminação do perigo.

O autor acrescenta ainda que por trás do medo se desdobra uma angústia mais primitiva, inconsciente, ligada a representações inconscientes. O autor propõe a simultaneidade do termo “angst”, que denota ao mesmo tempo medo e angústia. De acordo com ele, “todo medo aparentemente motivado teria, na realidade, um fundo de angústia, e toda angústia se revestiria, a prazo mais ou menos curto, com a máscara do medo.” (LAPLANCHE, 1993, p.58). Dessa maneira, podemos verificar a contaminação do medo pela angústia, de um medo que aparenta ter motivação ou, ao contrário, podemos constatar a fixação da angústia num sintoma que se assemelha ao medo e que pode se passar por ele, fazendo-se acreditar no seu caráter racional.

3 O CONCEITO DE ANGÚSTIA EM KIERKEGAARD E SARTRE

3.1 Soren Kirkegaard

Abordar o conceito de angústia de Soren Kierkegaard é uma tentativa de demonstrar como o filósofo dinamarquês foi perspicaz ao perceber as transformações socioculturais de sua época, dada a atualidade do conceito ainda hoje na nossa sociedade. A angústia do indivíduo contemporâneo tem muito em comum com a angústia tratada por Kierkegaard nas suas obras, por isso a importância de retomarmos a leitura desse pensador considerado o pai do existencialismo, corrente em que o tema da angústia assume uma importância central dentro da filosofia.

Na obra “O Conceito de Angústia”, publicada em 1844, Kierkegaard traz reflexões acerca das noções de liberdade, possibilidade, escolha, angústia e desespero. Para o autor, a questão fundamental do ser humano é a experiência singular da existência e a descoberta radical do fato de existir, marcada pelo desespero diante da precariedade da vida e da liberdade de fazer escolhas. A angústia está ligada ao nada, ao vazio, à angustiante possibilidade de *ser-capaz-de*. Neste estado de vazio o sujeito é pura possibilidade, pois ainda não está determinado, de forma que “a angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade.” (KIERKEGAARD, 1844/2015, p.45).

O autor compara a angústia ao estado de vertigem, uma vertigem da liberdade, em relação a qual o indivíduo sente ao mesmo tempo uma repulsa e uma atração. Configura-se, portanto, o caráter ambíguo da angústia, tornando-se fundamental para Kierkegaard expor a natureza do pecado. O filósofo, que era cristão, começa sua análise do conceito de angústia a partir do mito da queda de Adão e Eva. Eles são colocados diante da possibilidade de escolher quando Deus disse a Adão: “Mas não comas os frutos da árvore da ciência do bem e do mal”. Segundo Kierkegaard, Adão não compreendeu propriamente essas palavras, pois a distinção de bem e mal só seria possível a posteriori, porém, a proibição desperta o desejo, em que Adão deve ter tido um saber acerca da liberdade. Kierkegaard afirma que “a proibição o angustia porque desperta nele a possibilidade da liberdade.” (KIERKEGAARD, 1844/2015, p.48). Isto significa que a proibição desperta as inúmeras possibilidades, a infinita possibilidade de *ser capaz de*. Em contrapartida, a proibição também revela a ameaça do castigo, que desperta uma representação assustadora e se converte em angústia. E a infinita

possibilidade de *ser capaz de*, que a proibição despertou em Adão, manifesta agora uma outra possibilidade como sua consequência, que é a possibilidade do castigo.

Com a queda, Adão e Eva entram na existência, ou seja, eles começam a existir, no sentido de que a existência humana implica decisão e escolha, ou seja, não são mais determinados pela natureza. Enquanto viviam no paraíso eles não conheciam a possibilidade da escolha. Portanto, para Kierkegaard, é a partir da queda que a angústia se instaura na existência e torna-se presente no ser humano, que passa a ser desde então um ser angustiado.

Dessa forma, o ser humano em um primeiro momento é pura possibilidade. Neste estágio, o que existe é o nada, como afirma Kierkegaard: “Neste estado há paz e repouso, mas ao mesmo tempo há algo de diferente que não é discórdia e luta; pois não há nada contra o que lutar. Mas o que há, então? Nada. Mas nada, que efeito tem? Faz nascer angústia.” (KIERKEGAARD, 1844/2015, p. 45). O indivíduo é responsável, portanto, pelas escolhas que fará e pela construção da própria vida, na qual é ele quem dará sentido a sua existência.

Somando-se a isso, na obra “O desespero humano”, Kierkegaard (1849/2009) apresenta a ideia de desespero como sendo uma doença mortal e define o indivíduo como um espírito que não se estabelece com uma relação externa, mas apenas interna, consigo mesmo. Tal ligação implica em orientar-se com a sua própria interioridade, sendo que o ser humano “é uma síntese de infinito e finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade.” (KIERKEGAARD, 1849/2009, p.19). Sendo assim, ele precisa lidar também com as faces do finito e do temporal, cuja existência aponta para a possibilidade da morte.

Kierkegaard então aborda a ambiguidade e o absurdo inerentes à condição humana, na qual considera a angústia como um afeto e como uma experiência muito particular do indivíduo frente à possibilidade da morte, de maneira que este se sabe mortal, e por isso mesmo, livre. A angústia é o sentimento que decorre da possibilidade de o indivíduo escolher, caracterizando sua situação de liberdade. Por isso, o autor afirma que “a possibilidade da liberdade anuncia-se na angústia.” (KIERKEGAARD, 1844/2015, p.82). Configura-se, portanto, a correspondência entre o possível e o porvir, relação que se estabelece com a angústia frente à liberdade, ao que está por vir. Para ele, “o possível corresponde perfeitamente ao porvir. Para a liberdade, o possível é o porvir; para o tempo, o porvir é o possível. Na vida individual, a angústia corresponde a ambos. Um exato e correto uso linguístico vincula, portanto, ambos: angústia e porvir”. (KIERKEGAARD, 1844/2015, p.99).

Diferente do medo, a angústia não tem um objeto definido, é indeterminado. Daí também ela ter outra característica que é de não ser passageira, pois acompanhará o indivíduo durante toda a sua existência.

3.2 Jean-paul Sartre

Um dos mais reconhecidos e importantes pensadores do existencialismo, Jean-Paul Sartre teve influência de Kierkegaard na sua teoria, que trouxe grandes contribuições para essa corrente filosófica. Dentre as obras do autor, destaca-se para esse estudo “O Existencialismo é um Humanismo” (1946), em que Sartre defende o existencialismo e apresenta a doutrina aos seus leitores, tendo como pilar principal a ideia de que a existência precede a essência. Isto significa que o ser humano existe primeiro, surge no mundo e se define em seguida. Assim, em primeiro lugar o indivíduo é um nada, pois não há nenhum conceito nem natureza humana para defini-lo. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele escolher se tornar. A isto denomina-se subjetividade, pois cada um define sua existência, dá a ela um sentido, escolhe o que irá fazer de sua vida e o que irá se tornar. Portanto, o ser humano é, antes de tudo, aquilo que projeta vir a ser, ou seja, diferente dos outros seres, o indivíduo é um projeto que se vive enquanto sujeito e, portanto, responsável por aquilo que escolhe ser.

Sartre salienta que quando dizemos que o ser humano é responsável por si mesmo, não o é estritamente no plano individual, mas é responsável por todos os seres humanos. Isto quer dizer que quando o indivíduo faz a escolha por si mesmo, entende-se que cada um de nós faz essa escolha, mas isso implica também que ao escolher por si, cada um escolhe por todos os outros. Conseqüentemente, para o filósofo “não existe um de nossos atos sequer que, criando o homem que queremos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem conforme julgamos que ele deva ser.” (SARTRE, 1946/2014, p.20). Dessa forma, fazer uma escolha equivale a afirmar ao mesmo tempo o valor daquilo que escolhemos. Além do mais, se nós queremos existir ao mesmo tempo em que moldamos nossa imagem, esta se torna válida para todos os seres humanos e para a sua época inteira. Com isto, a responsabilidade do indivíduo é muito maior do que ele poderia supor, pois envolve a humanidade como um todo, já que ao escolher a si e criar uma determinada imagem do indivíduo que escolhe ser, está também escolhendo o ser como um todo.

A partir dessas observações, Sartre explora alguns conceitos fundamentais para sua teoria, entre elas as noções de angústia, desamparo e desespero. Em primeiro lugar trataremos da angústia, objeto central desse estudo e de extrema importância para a filosofia existencial, em que “o existencialista costuma declarar que o homem é angústia.” (SARTRE, 1946/2014, p.21). Segundo o autor, o indivíduo que se dá conta de que ele não é apenas o que escolhe ser,

mas é também um legislador que escolhe o que será a humanidade inteira, vivencia com angústia o sentimento de sua total e profunda responsabilidade.

Quando Sartre fala de desamparo, apoia-se na ideia de que Deus não existe e devemos assumir todas as consequências disso. Isso quer dizer que não está escrito em lugar algum que o bem existe, que é preciso ser honesto e ter determinados valores morais. Portanto, se Deus não existe, tudo é permitido e conseqüentemente o indivíduo encontra-se desamparado, pois não encontra nem dentro nem fora de si um pilar para sustentar-se. Além disso, com a inexistência de Deus, não é possível encontrar valores ou ordens que legitimem nosso comportamento. Como a existência precede a essência, também não poderá recorrer a uma natureza humana definida para explicar alguma coisa. Portanto, não existe nada determinado, o ser humano é livre ou, nas palavras de Sartre, “o homem está condenado a ser livre. Condenado, pois ele não se criou a si mesmo, e, por outro lado, contudo, é livre, já que, uma vez lançado no mundo, é o responsável por tudo que faz.” (SARTRE, 1946/2014, p.24).

O filósofo destaca que o desamparo é acompanhado pela angústia. Quanto ao desespero, afirma que essa expressão quer dizer que o indivíduo só pode contar com aquilo que depende de sua vontade ou com o conjunto das probabilidades que tornam a ação possível. Dessa forma, a partir do momento em que as possibilidades que o indivíduo considera não estão ao alcance de sua ação, deve desinteressar-se delas. A priori, o ser não tem como saber o que vai acontecer, ele pode apenas fazer o que estiver ao seu alcance para fazer acontecer o que almeja, fora isso, não pode contar com nada.

Ao contrário disso, o autor afirma que o quietismo é a atitude daquele que diz que os outros podem fazer aquilo que ele não pode, ou seja, é o contrário do que o existencialismo apresenta, pois este é uma doutrina da ação que afirma que só existe realidade na ação. Somando-se a isso, Sartre afirma que no existencialismo “o homem não é nada mais que seu projeto, ele não existe senão na medida em que se realiza e, portanto, não é outra coisa senão o conjunto de seus atos, nada mais além da sua vida.” (SARTRE, 1946/2014, p.30). Portanto, de acordo com o autor, é somente a realidade que conta e cada um é responsável por seus êxitos e também pelos seus fracassos.

Ao contrário do que muitos pensam, a teoria de Sartre é otimista na medida em que coloca o destino do ser humano em suas próprias mãos. Também encoraja os indivíduos a agirem, pois para ele não existe esperança senão em suas ações, além de que a única coisa que permite a ele viver é o ato.

3.3 Aproximações entre Freud, Kierkegaard e Sartre

Nota-se que Kierkegaard e Freud destacam-se, entre outros aspectos, pela forma com que proporcionam elementos enriquecedores para se pensar temas que perpassam a existência humana na sociedade contemporânea. Referente ao tema da angústia, os autores, partindo de campos distintos, apontam que o ser humano vivencia sentimentos de desamparo na ausência de uma entidade que lhe assegure, seja pela via das instituições, pessoas ou na figura de um Deus.

Para Freud (1927), o desamparo relaciona-se com o perigo da perda do objeto amado. A experiência do desamparo possui um protótipo infantil, vivenciado por crianças de tenra idade em relação aos pais. A mãe, que satisfaz a fome da criança, torna-se seu primeiro objeto amoroso, e também sua primeira proteção contra todos os perigos que a ameaçam. Nessa função de proteção, a mãe é logo substituída pelo pai mais forte, que retém essa posição pelo resto da infância. No entanto, a relação com o pai é de ambivalência, pois ele próprio constitui um perigo para a criança, até mesmo devido ao relacionamento anterior dela com a mãe. Com isto, a criança o teme tanto quanto o ama.

O autor destaca que a ambivalência em relação ao pai está intensamente impressa em toda religião. O indivíduo cria para si próprio os deuses a quem teme e a quem confia sua proteção. Assim, seu anseio por um pai constitui um apelo idêntico à sua necessidade de proteção infantil. “É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer – reação que é, exatamente, a formação da religião.” (FREUD, 1927/2006, p.33).

De acordo com Kehl (2002), foi a partir da Renascença que as civilizações do Ocidente passaram a assistir a substituição da visão unificada da Idade Média por outra mais fragmentada e mutável, desgarrada do plano divino. Deus foi destituído de algumas de suas funções no que se refere à vida comum das pessoas. A quebra do poder absoluto da Igreja católica, como detentora da verdadeira palavra do Pai, possibilitou a emergência de vários saberes, forçando os indivíduos a escolherem sua filiação simbólica. Mesmo que as sociedades atuais conservem ainda a ideia de um Deus, o fato é que esse Deus já não é um só. Não havendo mais o dogma e a palavra de autoridade que decidiam todas as questões, abre-se então espaço para a dúvida e a escolha, assim como o surgimento de outras verdades, pois quando há escolha, a verdade já não pode ser uma só.

No contexto contemporâneo, observa-se que um dos ideais fortemente propagados pela cultura ocidental é o incentivo à vivência plena do livre-arbítrio, em que cada sujeito traça seu próprio caminho através de livres escolhas. A falta de ligação com alguma entidade, algum ponto de referência, lança o sujeito sobre o desamparo, cuja situação se aprofunda ainda mais com o enfraquecimento da lei e dos ideais e o excesso de informação e possibilidades que permeiam nossa atualidade. Kehl (2002) nomeia esse contexto de *face contemporânea do desamparo*, gerada a partir de uma perda nas relações dos seres humanos com o saber e com a verdade.

A questão que interpela o sujeito contemporâneo, apontada por Kierkegaard desde 1844, é o que fazer com o atual imperativo de liberdade que propõe ao indivíduo ser dono de si ao guiar sua existência de acordo com preceitos individuais? A partir dessa constatação, o pai da psicanálise e o pai do existencialismo se diferenciam quanto à saída que se apresenta ao sujeito frente ao desafio da existência. Kierkegaard (1844) aponta que o caminho para se alcançar a salvação é por meio da fé, através da relação com Deus, pois para Ele tudo é possível, até mesmo salvar o indivíduo da angústia, mesmo que não haja nenhuma certeza racional. Nesse caminho, que o autor aponta como individual, o ser humano encontraria a verdade sobre si mesmo. Freud (1927), ao contrário, vislumbra uma saída em que o sujeito reconhece sua condição de desamparo fundamental, constata a ausência de elementos pré-definidos para sua existência e constrói seus caminhos a partir de si mesmo, assumindo a responsabilidade da autoria de seus atos e construção de seu destino.

Essa condição de desamparo frente à ausência de Deus é apontada também por Sartre (1946), que se apoia na ideia de que Deus não existe e devemos assumir todas as consequências disso. Isto significa que o ser humano deixa de encontrar dentro e fora de si um pilar para sustentar-se e, ao não ter um ponto de apoio e proteção, deixa também de ter valores e ordens que legitimem seu comportamento. A ideia, tanto para Sartre quanto para Freud é a de que o indivíduo encare sua condição de desamparo fundamental, pois a busca por um Deus é apenas um anseio pela proteção e uma defesa contra o desamparo.

Sartre (1946) também se aproxima de Freud na medida em que situa o desamparo do ser humano frente à liberdade e à ausência de uma entidade que o proteja. Na medida em que é livre, o indivíduo torna-se responsável por suas escolhas. A ideia de responsabilidade é outro elemento comum ao pensamento de ambos os autores. O indivíduo é o único responsável por si e pelas escolhas que faz, sendo somente ele o responsável por aquilo que se tornará e o que fará da sua vida. O sujeito da psicanálise é responsabilizado inclusive pelo seu inconsciente, conforme escreve Kehl (2002):

Quem mais, além de mim, pode se responsabilizar por algo que, embora eu não controle, não posso deixar de admitir como parte de mim mesmo? Responsabilidade difícil de assumir, esta – pelo estranho que existe em nós, age em nós e com o qual não queremos nos identificar. No entanto, eticamente, é preferível que o sujeito arque com as consequências dos efeitos de seu inconsciente, fazendo deles o início de uma investigação sobre o seu desejo, a que ele permita que tais efeitos se manifestem apenas sob a forma de sintoma. (KEHL, 2002, p.32).

Para ambos os autores, então, o ser humano é um ser de angústia e desamparo. Por isso, não adianta tentar fugir deste afeto, mas sim encará-lo e compreendê-lo a fim de buscar maneiras de agir em prol de si mesmo, construindo seus próprios caminhos em busca de uma vivência mais autêntica.

4 A ANGÚSTIA NA CONTEMPORANEIDADE

Desde 1927, ao escrever “O futuro de uma ilusão”, Freud vem anunciando o mal-estar produzido pela vida comunitária. Neste texto, o autor ressaltava que a civilização humana apresenta dois aspectos: inclui todo o conhecimento e capacidade que o ser humano adquiriu de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas e, ao mesmo tempo, inclui todas as leis e regulamentos necessários para ajustar as relações dos indivíduos uns com os outros, especialmente a distribuição da riqueza disponível. Isto significa que para explorar a natureza e adquirir riqueza, foi necessária a criação de regulamentos, instituições e ordens capazes de proteger a civilização contra os impulsos hostis dos seres humanos, que facilmente destruiriam uns aos outros em busca do benefício próprio.

Continuando os estudos sobre os problemas culturais, tema de grande interesse de Freud, em 1930 é escrita a obra mais importante sobre o assunto, em que é abordado com maior profundidade o mal-estar na civilização. Neste texto, Freud (1930) anuncia que a civilização se constrói a partir da renúncia às pulsões, ou seja, impõe que os indivíduos renunciem à liberdade de exercerem livremente a sexualidade e a agressividade em prol da convivência em sociedade. Dessa maneira, os prazeres da vida civilizada comportam uma dose de sofrimento e mal-estar devido à troca de liberdade que o indivíduo precisou fazer pela segurança de sua vida. O princípio do prazer encontra-se, dessa maneira, subordinado ao princípio de realidade e às leis e normas sociais que comportam a vida em sociedade. Freud (1920) relaciona o princípio do prazer a um método primário de funcionamento do aparelho psíquico, chegando a ser perigoso quando se trata de autopreservação do organismo ante as dificuldades do mundo externo. É sob a influência das pulsões de autopreservação do ego que o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade. Este último não busca fundamentalmente obter prazer, mas, ao contrário, efetua o adiamento da satisfação e a tolerância temporária do desprazer na busca longa e indireta para o prazer.

Se na época freudiana era observada uma maior renúncia às pulsões, hoje a sociedade contemporânea organiza-se de forma diferente em relação à libido, à sexualidade e às formas de organização da autoridade e da lei. Para Uchitel (2002) “a subjetividade cada vez menos se organiza em torno das frustrações da libido, da repressão da sexualidade (do recalque da representação e deslocamento de afetos), do acatamento ou submissão à autoridade e aos excessos da lei” (UCHITEL, 2002, p.29). Somando-se a isso os avanços tecnológicos e científicos que passaram a ocupar um lugar fundamental na sociedade contemporânea, torna-

se importante refletirmos sobre quais seriam os impactos produzidos no indivíduo em sua relação com o mundo e com a forma de vivenciar a angústia.

Bauman (1997) observa que atualmente há uma prevalência maior da ação do princípio de prazer em detrimento do princípio de realidade. A antiga premissa de que se ganha alguma coisa e, em troca, se perde alguma outra coisa ainda é válida nos dias de hoje, porém, os ganhos e as perdas mudaram de lugar: “os homens e as mulheres pós-modernos trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade.” (BAUMAN, 1997, p.10). Segundo o sociólogo, o mal-estar moderno se originava de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade muito pequena na busca da felicidade individual, enquanto o mal-estar pós-moderno é fruto de uma espécie de liberdade de busca do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais.

4.1 A sociedade de consumo e o excesso de possibilidades

Nas últimas décadas, a sociedade ocidental passou por processos de revolução industrial e transformou-se em uma sociedade globalizada, de maneira que os avanços tecnológicos conectaram as pessoas às mercadorias e passaram a ditar as regras do mercado. Para Bauman (2007), nessa sociedade pós-moderna e orientada para o consumidor, os indivíduos são socialmente formados sob os papéis de procurar o prazer e acumular sensações. Os efeitos disso é que “vivemos em uma sociedade profundamente individualista, narcisista, na qual prevalece o culto pela imagem e pelo consumo exacerbado e descartável.” (CECCARELLI; SALLES, 2012, p.23). Há um excesso de ofertas e a regra é usar e descartar tudo o mais rápido possível, tanto no plano material quanto afetivo, levando à fugacidade das coisas e à pobreza dos afetos em relações descartáveis.

Bauman (2007) define a sociedade contemporânea como uma sociedade líquida, onde os objetos de consumo têm uma vida curta e limitada, devendo ser descartados quando o prazo de validade é ultrapassado. Assim, pode-se observar o fenômeno de descarte constante de objetos de consumo que se encontram em perfeito estado de conservação e validade para abrir caminho para os outros que ainda não foram utilizados. Os objetos de consumo, então, estão sendo trocados com intensa velocidade nesse modo de consumo, no qual “a vida líquida é uma vida precária, vivida em condições de incerteza constante” (BAUMAN, 2007, p.8). Essa incerteza traz para o sujeito contemporâneo um estado de confusão e insegurança, pois

através de inúmeras possibilidades, há a promessa de felicidade por meio da aquisição de objetos e do consumo ilimitado, promessa esta inalcançável que resulta num ciclo vicioso do sujeito com as mercadorias ofertadas.

Lipovetsky (2004) também corrobora com essa ideia e afirma que na sociedade moderna, tudo se renova a cada instante, tudo deve ser mais rápido, mais novo e mais eficiente, seguindo-se uma lógica do sempre mais, sem saber ao certo onde isso vai dar. Outra característica apontada pelo autor é a busca do prazer imediato, pois as pessoas passaram a não esperar mais, a não se preocupar com as sociedades futuras, e sim com o seu próprio prazer. A palavra-chave dessa sociedade veio a ser velocidade, principalmente com os avanços tecnológicos da mídia e informática, grandes veiculadoras de informação.

Dessa maneira, a sociedade propaga um discurso contemporâneo que prega o imperativo do gozo, dizendo que o sujeito pode ter tudo, desprezando-se a limitação. Promete-se a felicidade a curto prazo a partir do consumo cada vez mais desenfreado e busca-se evitar as inquietações e sofrimentos. Porém, como vimos o mal-estar é inerente à cultura, e manifesta-se também na medida em que a ordem é acelerar o ritmo de vida e consumir o máximo que puder. Há um excesso de oferta e uma tentativa desesperada de tamponar a falta. Se é preciso preservar um vazio para a manutenção do desejo, então a angústia pode surgir justamente para sinalizar o perigo dessa saturação, constituindo o mal-estar que vemos atualmente. Em consequência disso, “a frustração e a insatisfação são permanentes, provocando autocrítica e autocensura constantes. Consequentemente, aparecem as explosões de ódio, violência, discriminação, medo, insegurança, pânico, uma vez que o recurso à palavra e à simbolização acha-se diminuído ou até mesmo ausente.” (CECARRELLI; SALLES, 2012, p.24).

Pensando nesse contexto social, que já começava a se configurar em sua época, Lacan desenvolveu ao longo de seu ensino a teoria dos discursos, em que estabelece uma forma de estruturação do laço social através da linguagem. Os discursos caracterizam-se pelo uso da linguagem como dispositivo da promoção dos laços sociais e ordenação do gozo. A princípio, Lacan formula quatro discursos principais: o discurso do mestre, do universitário, da histérica e do analista, os quais no momento não serão objetos de estudo para este trabalho. Já na obra “Televisão” (1974), Lacan pensa o mal-estar da sociedade moderna como sendo fruto de um quinto discurso, sendo este o discurso do capitalismo, o qual considera como sendo o laço social dominante da sociedade atual.

Este discurso advém com o avanço da tecnologia e da ciência, sendo que esta se torna a produtora dos objetos de consumo que operam como causa de desejo. Devido a isso, o

discurso capitalista exclui o outro do laço social, pois o sujeito não se relaciona com o outro, e sim com os bens de consumo, os *gadgets*. O sujeito passa a ser o consumidor, tornando-se insaciável por um discurso que coloca no lugar da verdade, o capital. Com a promessa de gozo absoluto, o discurso se torna sem lei.

Se não há lei, há a negação da castração, trazendo ao sujeito a ilusão de ter o fácil e direto acesso ao objeto que promoverá a felicidade, ofertando ao sujeito que ao consumir os *gadgets*, se tornará completo. É, portanto, um discurso que prega o imperativo do gozo, através do qual o sujeito pode tudo dentro de um discurso sem limitação, produzindo uma imposição do gozo justificada e impulsionada pela crença do acesso direto e final ao objeto.

Dessa forma, os sujeitos incessantemente consomem os *gadgets* buscando esta promessa de gozo impossível de ser alcançada, como também destaca Quinet: “o discurso capitalista, efetivamente, não promove o laço social entre os seres humanos: ele propõe ao sujeito a relação com o *gadget*, um objeto de consumo curto e rápido.” (QUINET, 2006, p.37).

Neste contexto, segundo Kehl (2002), a sociedade contemporânea pensa a cura do sofrimento psíquico como eliminação de todo mal-estar e angústia de viver, cuja responsabilidade o sujeito também não quer arcar. A autora observa que os discursos predominantes a respeito do que a vida deve ser têm se tornado gradativamente mais empobrecidos na medida em que se apoiam na lógica do mercado. Isto porque as razões de mercado se consomem em si mesmas e produzem o próprio esgotamento a cada vez que são satisfeitas, pois a satisfação não remete a nada além do consumo do objeto. Dessa maneira, a lógica do mercado só nos oferece a ilusão de um “saber viver”, que só funciona se reduzirmos a vida ao circuito de satisfação das necessidades.

O apelo contemporâneo ao gozo dificulta o nosso reconhecimento da lei por falta de uma base que nos dê significado e apoio à impossibilidade do gozo, pois nos propomos um gozo impossível como ideal a ser alcançado e não como um mal a ser evitado. Para Kehl (2002), esse apelo ao gozo produz mais angústia do que o próprio gozo em si.

A autora salienta que a psicanálise entende o ser humano diante do drama da liberdade e da alienação ao inconsciente, esse estranho que age nele e do qual não pode se descomprometer, já que “o sujeito da psicanálise é responsabilizado, sim, por seu inconsciente.” (KEHL, 2002, p.32). Dessa maneira, a psicanálise interroga o sujeito contemporâneo nas suas dimensões indissociáveis de liberdade e conflito.

A partir disso, a autora destaca que a psicanálise não faria sentido num contexto anterior à modernidade, pois advém com a queda dos poderes e das verdades patriarcais

ilimitadas. Antes, a organização familiar investia legalmente o pai de poderes absolutos sobre as crianças e mulheres, reprimindo as manifestações da sexualidade, das diferenças e dos conflitos. Por isso, “a psicanálise é um fenômeno moderno, urbano, próprio das sociedades laicas, republicanas, democráticas (...), sociedades em que o pai já não tem a mesma autoridade, já não fala e não se impõe aos filhos como representante de uma verdade e um poder incontestáveis.” (KEHL, 2002, p.35).

Assim, a filiação já não recobre todo o campo simbólico que situa o sujeito, dando lugar a uma nova posição, ocupada por um lugar de falta-a-ser. Antes, “a falta-a-ser era camuflada pela estabilidade das estruturas simbólicas de parentesco, que conferiam às pessoas um lugar, um nome, um destino, referendados pela comunidade e dificilmente modificados ao longo da vida.” (KEHL, 2002, p.40). Isto significa que antes o ser estava protegido por um lugar marcado pelo parentesco, que lhe destinava um lugar na sociedade. Na medida em que perde essa proteção, passa a ocupar um lugar de falta-a-ser, tornando-se agora responsável por aquilo que se tornará e pelo lugar que ocupará na sociedade, lugar esse cheio de possibilidades.

Através do mito freudiano de Totem e Tabu (1913), a autora busca nomear essa condição do indivíduo moderno, que

Perde a proteção oferecida pelo pai capaz de fazer, da filiação, um destino. A passagem da condição de filho à de irmão – ou da condição de súdito à de cidadão – não se dá sem o luto pelo amparo que o tirano oferecia em relação à falta-a-ser. No entanto, o ganho de liberdade obtido com essa passagem é inegável. (KEHL, 2002, p.44).

Para a autora, então, a crise ética do indivíduo moderno é consequência de uma crise que abalou as certezas sobre o ser, o bem e a verdade. Essa crise é fruto da perda das relações dos seres humanos com o saber e com a verdade, ocasionada pela substituição unificada do mundo medieval por outra muito mais fragmentada, que nos apresenta constantes mutações e inúmeras possibilidades de escolha.

4.2 Angústia e liberdade

A questão da escolha ocupa um ponto central nas reflexões de Bauman. Para o autor, a escolha é o atributo do consumidor e a natureza cooperativa da comunidade de consumidores

é a liberdade de escolha. Ou seja, esta liberdade se assenta na multiplicidade de possibilidades. No entanto, esta liberdade de escolha nega o direito de colocar uma possibilidade acima das outras, ou seja, de reduzir a multiplicidade de perspectivas e rejeitar as possibilidades indesejadas. Assim, “a essência da livre escolha é o esforço para abolir a escolha.” (BAUMAN, 1997, p.175). Isto ilustra o mal-estar sentido pelo ser humano diante do ato de ter que escolher, conforme Sartre (1946/2014) também já havia apontado ao afirmar que não escolher também é uma escolha, da qual o indivíduo está fadado a assumir a responsabilidade.

Escolher entre inúmeros caminhos e possibilidades coloca o indivíduo, ao mesmo tempo, em um conflito entre a liberdade de escolher - e sua conseqüente responsabilidade - e o imperativo de gozo absoluto impulsionado pela lógica de mercado da sociedade contemporânea.

O ímpeto de consumo, exatamente como o impulso de liberdade, torna a própria satisfação impossível. Precisamos sempre de mais liberdade do que temos – mesmo que a liberdade de que achamos que precisamos seja liberdade para limitar e confinar a liberdade atual. A liberdade é sempre um postulado e expressa-se numa constante reprodução e reaguçamento de sua força postulativa. É nessa abertura em relação ao futuro, na ultrapassagem de toda situação encontrada e preparada de antemão ou recém-estabelecida, nesse entrelaçamento do sonho e do horror da satisfação, que se acham as raízes mais profundas do turbulento, refratário e autopropulsor dinamismo da cultura. (BAUMAN, 1997, p.175-176).

Bauman (2007) nos lembra ainda que a vida dos indivíduos pré-modernos continha pouca incerteza, pois na vida individual cada habitante era designado desde o berço para itinerários de vida previamente catalogados. Num sistema de castas, por exemplo, o filho herdava a profissão do pai e estava predestinado a permanecer na classe social em que nasceu, não havendo possibilidade de ascensão. Dessa forma, os indivíduos pré-modernos esperavam pouca surpresa enquanto viviam, sendo a morte, impossível de se prever, a única possibilidade de incerteza que vislumbravam.

No entanto, com o avanço da medicina moderna, até mesmo a morte passou a ter sua causa específica, já não se tornando casual como costumava ser, tornando-se uma ocorrência natural e parcialmente administrável pela medicina. Com essa mudança, a vida antes da morte passa a ter um destaque maior e torna-se terreno de incertezas através das inúmeras possibilidades e caminhos que o indivíduo pós-moderno pode escolher. O que traz insegurança nas realizações e fragilidade nos laços humanos.

São as marés vazante e enchente, a ascensão e queda de valores que as pessoas se acostumaram a alimentar, a excentricidade de expectativas que sempre mudam, a inconstância das normas que continuam alterando-se antes de o jogo terminar, a cacofonia das vozes em que é difícil determinar o motivo dominante – que, mais dolorosamente, com os efeitos mais imediatos e tangíveis, desafia a compreensão. (BAUMAN, 2007, p.220).

Esses desafios à compreensão, o saber como prosseguir, são produtos humanos que prestam testemunho à onipotência humana. Para o autor, até mesmo as alterações climáticas, os pressentimentos de uma nova era de gelo ou do superaquecimento global, são atribuíveis ao que os seres humanos deixam ou não de fazer, ou seja, é responsabilidade das faculdades humanas. Dessa maneira, “a incerteza de que sofro é o resultado da potência humana, e é da potência humana que eu preciso para me guiar na estrada da certeza.” (BAUMAN, 2007, p.220).

Essas incertezas concentram-se também na identidade do indivíduo pós-moderno, que de agora em diante será construída a partir das habilidades do indivíduo, sua capacidade de julgamento e sabedoria de escolha. Dentre inúmeras possibilidades, o ser humano vive entre essa construção nunca completa e a própria tentativa de desconstrução com o objetivo de reconstruir-se, o que causa assombro nos indivíduos. Segundo Bauman (2007), é nesta vida que a insegurança existencial está entrincheirada. A amarga experiência dos consumidores pós-modernos é a experiência da liberdade:

Da miséria da vida composta de escolhas arriscadas, que sempre significa aproveitar algumas oportunidades e perder outras, ou da incurável incerteza criada em toda escolha, da insuportável, porque não-partilhada, responsabilidade pelas desconhecidas consequências de toda escolha, do constante medo de impedir as futuras e, no entanto, imprevistas possibilidades, do pavor da inadequação pessoal, de experimentar menos e não tão intensamente como os outros talvez o consigam, do pesadelo de não estar à altura das novas e aperfeiçoadas fórmulas da vida que o futuro notoriamente caprichoso pode trazer. (BAUMAN, 2007, p.227).

Nessa perspectiva, os indivíduos tornam-se dilacerados entre a sedutora liberdade e a incerteza assustadora, almejando o impossível, pois “querem nada menos do que desfrutar de duas vantagens – saborear e exercer sua liberdade de escolha ao mesmo tempo que têm o “final feliz” garantido e os resultados assegurados.” (BAUMAN, 2007, p.239). O que

desejam, portanto, é uma liberdade livre de riscos, pois o que ressentem é exatamente o risco inato à liberdade. No entanto, a dificuldade reside no fato de que a liberdade e o risco aumentam e diminuem proporcionalmente, ocasionando em uma solução impossível de ser alcançada.

Com isto, a aceitação da responsabilidade não aparece facilmente porque ela anuncia a permanente angústia de estar errando. Para Bauman (2007), isto faz com que as pessoas busquem cada vez mais alguém ou algum lugar que saiba separar a escolha certa da errada, buscando fórmulas infalíveis de uma liberdade sem riscos e angústia, algo impossível de ser concretizado.

Ceccarelli & Salles (2012) pensam que a Psicanálise, ao denunciar o fracasso das falsas soluções que prometem a completude narcísica, o apaziguamento da angústia e a ausência de sofrimento, desmascara os pressupostos ideológicos da sociedade de consumo, que promove o fetiche dos objetos e negam a castração ao buscarem garantir a felicidade através do consumo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho não tem a pretensão de refutar as importantes considerações freudianas acerca da angústia, conforme foi abordado no primeiro capítulo, mas tem como objetivo acrescentar outra visão ao estudo do conceito. Se a sociedade passa por transformações, podemos inferir que os conceitos teóricos também sofrem influências e precisam ser repensados. Desde Freud, muita coisa mudou e, portanto, podemos nos aventurar no contexto contemporâneo em busca de novas perspectivas.

Ao fazermos um percurso histórico, podemos ver que até o período da Renascença, as civilizações do Ocidente possuíam uma visão de mundo unificada, pautada na figura de Deus, que era o ponto de partida para todas as explicações acerca do universo e guia dos seres humanos na vida em sociedade. A partir desse momento, Deus foi destituído de algumas funções referentes à vida comum das pessoas. A Igreja Católica deixou de ter o poder absoluto, como detentora da verdadeira palavra do Pai, e com isso possibilitou a abertura de vários campos de saber, forçando os indivíduos a escolherem sua filiação simbólica. Hoje, mesmo que as sociedades ocidentais ainda conservem a ideia de um Deus, o fato é que esse Deus já não é mais unificado. Não havendo mais a palavra de autoridade que decidia todas as questões, abre-se então espaço para a dúvida e a escolha, assim como o surgimento de outras verdades.

No contexto contemporâneo, um dos ideais fortemente propagados pela cultura ocidental é o incentivo à vivência plena do livre-arbítrio, em que cada sujeito traça seu próprio caminho através de escolhas individuais. Essa falta de ligação com alguma entidade, algum ponto de referência, lança o sujeito sobre o desamparo.

Freud (1927) nos diz que o desamparo relaciona-se com o perigo da perda do objeto amado, de modo que a experiência possui um protótipo infantil, vivenciado pela criança em relação aos pais. O pai representa uma figura que protege e ao mesmo tempo ameaça. Essa ambivalência está intensamente impressa em toda religião, pois o indivíduo cria para si próprio os deuses a quem teme e a quem ama e confia sua proteção. Assim, seu anseio por um Deus, constitui um apelo idêntico à sua necessidade de proteção infantil. Na medida em que perde essa proteção ou esta se torna no mínimo questionável, como nos dias atuais em que o número de ateus e agnósticos aumenta cada vez mais, o indivíduo precisa lidar de forma constante com sua condição de desamparo.

Sartre (1946) também aborda o desamparo humano, apoiando-se na ideia de que Deus não existe e devemos assumir todas as consequências disso. A inexistência de Deus sinaliza que tudo é permitido e conseqüentemente o ser humano encontra-se desamparado, já que não encontra nem dentro nem fora de si uma bússola para guiar-se. Além disso, não é possível encontrar valores ou ordens que legitimem seu comportamento. Como o autor acredita que a existência precede a essência, também não poderá recorrer a uma natureza humana que o defina. Isso aponta para o fato de que não existe nada determinado, o ser é livre e responsável por essa liberdade e, conseqüentemente, responsável por suas escolhas e seus atos. Em uma amplitude ainda maior, o autor destaca que o indivíduo não é apenas o que escolhe ser, mas é também um legislador que escolhe o que será a humanidade inteira, pois ao escolher por ele, inevitavelmente também escolhe pelos outros. Esta condição de desamparo, que provém do sentimento de sua total responsabilidade é vivenciada com angústia.

Kierkegaard (1844) também afirma que a questão fundamental do ser humano é a experiência individual da existência e a descoberta radical do fato de existir, marcada pelo desespero diante da fragilidade da vida e da liberdade de fazer escolhas. A angústia está ligada ao nada, ao vazio, à angustiante possibilidade de *ser-capaz-de*. Neste estado de vazio o sujeito é pura possibilidade, e a angústia é o sentimento que decorre dessa situação de liberdade diante da possibilidade de o indivíduo escolher.

Antes, a vida dos indivíduos pré-modernos era cercada de pouca incerteza, já que cada habitante era designado desde o nascimento para caminhos de vida previamente destinados. A organização familiar validava ao pai a posse de poderes absolutos sobre as crianças e mulheres, reprimindo as manifestações da sexualidade, das diferenças e dos conflitos. Dessa forma, antes o indivíduo estava protegido por um lugar marcado pelo parentesco, que lhe destinava um lugar na sociedade. Na medida em que perde essa proteção, torna-se responsável por aquilo que se tornará e pelo lugar que ocupará na sociedade, lugar este repleto de possibilidades.

Somando-se a isso, nas últimas décadas, a sociedade ocidental passou por processos de revolução industrial e transformou-se em uma sociedade globalizada, de maneira que os avanços tecnológicos conectaram as pessoas às mercadorias e passaram a ditar as regras do mercado. Com o crescimento imensurável do setor de produção, as pessoas passaram a ter cada vez mais ofertas inovadoras e inúmeras possibilidades de escolha.

Lacan (1974) propõe que o discurso do capitalismo, sendo coadjuvante ao avanço tecnológico, é o discurso que predomina na sociedade atualmente. Regido pela lógica do mercado, busca oferecer ao sujeito a ilusão de que ele pode ter o fácil e direto acesso à

felicidade a partir do consumo dos *gadgets*. No entanto, essa satisfação é impossível de ser alcançada, pois as razões de mercado produzem o próprio esgotamento a cada vez que são satisfeitas, já que a satisfação não remete a nada mais do que o consumo do objeto. Há, portanto, um imperativo do gozo, que impulsiona o sujeito a se relacionar com os objetos e a consumi-los cada vez mais, numa tentativa vã de alcançar a tão almejada felicidade. Ao permitir o gozo ilimitado, com a promessa de que o sujeito pode alcançar tudo, essa lógica nega a castração.

Podemos observar que esse discurso que rege a sociedade segue na contramão do que Freud propôs ao pensar “o mal-estar na civilização” (1930), em que anuncia que a cultura se desenvolve a partir da renúncia às pulsões, ou seja, impõe que os seres humanos renunciem à liberdade de exercerem livremente a sexualidade e a agressividade em prol da convivência em sociedade. Dessa maneira, os prazeres da vida em comunidade comportam também uma dose de sofrimento e mal-estar devido à troca de liberdade que o indivíduo precisou fazer pela segurança de sua vida. Para o autor, o princípio do prazer encontra-se, dessa maneira, subordinado ao princípio de realidade e às leis e normas sociais que regem a vida em sociedade. Entretanto, hoje a sociedade contemporânea organiza-se de forma diferente em relação à libido, à sexualidade e às formas de organização da autoridade e da lei. Além disso, de acordo com Uchitel (2002), a subjetividade se organiza cada vez menos em torno das frustrações da libido, da repressão da sexualidade, da submissão à autoridade e aos excessos da lei.

Nesse contexto, Bauman (1997) propõe que atualmente há uma prevalência maior da ação do princípio de prazer em detrimento do princípio de realidade. Segundo o sociólogo, antes o mal-estar se originava de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade muito pequena na busca da felicidade individual, enquanto o mal-estar contemporâneo é fruto de uma espécie de liberdade de busca pelo prazer que tolera uma segurança individual pequena demais.

Dessa maneira, busca-se evitar as inquietações e sofrimentos através do consumo cada vez mais desenfreado. Porém, como vimos o mal-estar é inerente à cultura, e manifesta-se também na medida em que a ordem é acelerar o ritmo de vida e consumir o máximo que puder. Há um excesso de oferta e uma tentativa desesperada de tamponar a falta. Kehl (2002) destaca que esse apelo ao gozo produz mais angústia do que o próprio gozo em si. Já que é necessário preservar um vazio para a manutenção do desejo, então a angústia pode surgir justamente para sinalizar o perigo dessa saturação.

Para Bauman (2007), nessa sociedade orientada para o consumidor, os indivíduos são socialmente formados sob os papéis de obter o prazer e acumular sensações. A cura do sofrimento psíquico, então, é pensada como eliminação de todo o mal-estar e angústia de viver, cuja responsabilidade o sujeito também não quer arcar. Escolher entre inúmeros caminhos e possibilidades coloca o indivíduo, ao mesmo tempo, em um conflito entre a liberdade de escolha e o imperativo de gozo absoluto impulsionado pela lógica de mercado. A responsabilidade diante disso não é aceita facilmente, pois anuncia a permanente angústia de estar errando. No entanto, tanto o ímpeto de consumo quanto o impulso de liberdade tornam a própria satisfação impossível.

Conforme o autor, essas incertezas concentram-se na identidade do indivíduo pós-moderno, que de agora em diante será construída a partir das próprias capacidades de fazer escolhas. Assim, é nesta vida que a insegurança existencial está entrincheirada, onde a árdua experiência dos consumidores pós-modernos é lidar com a experiência da liberdade. Nessa perspectiva, os indivíduos tornam-se angustiados entre a sedutora liberdade e a incerteza assustadora, passando a almejar o impossível, pois querem desfrutar de duas vantagens ao mesmo tempo: exercer sua liberdade e evitar os riscos e a angústia, pois o que ressentem é exatamente o risco inato à liberdade.

Kehl (2002) salienta que a psicanálise entende o ser humano diante do drama da liberdade e da alienação ao inconsciente, esse estranho que age nele e do qual não pode deixar de se responsabilizar. A crise do indivíduo moderno, portanto, é consequência de uma crise que abalou as certezas sobre o ser, o bem e a verdade.

Diante desse cenário, a psicanálise pode oferecer alicerces para que o indivíduo lide de maneira melhor com a angústia e assuma com responsabilidade a autoria de sua história. Ao invés de se alienar em uma instância que lhe dê a ilusão de apoio e proteção, cabe ao indivíduo a tarefa de buscar soluções criativas para encarar o desamparo fundamental no qual se encontra. Da mesma maneira, a psicanálise pode possibilitar que o sujeito vá ao encontro de seu desejo e busque sua felicidade individual, diferente da proposta ilusória oferecida pela lógica massificante do mercado. Com isso, a liberdade talvez possa ser desfrutada com mais consciência, autonomia e responsabilidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, ZYGMUNT. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997

BAUMAN, ZYGMUNT. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007

CECCARELLI, Paulo Roberto; SALLES, Ana Cristina Teixeira da Costa. Angústia, separação e desamparo na clínica contemporânea. **Estudos de Psicanálise**. Belo Horizonte, n.38, p.23-28, dez.2012

FREUD, Sigmund. **Rascunho B**. A etiologia das neuroses. (1893). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol.I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **Rascunho E**. Como se origina a angústia (1894). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol.I. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **Obsessões e fobias**: seu mecanismo psíquico e sua etiologia (1895a). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol.III. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia”** (1895b). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol.III. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **Análise de uma fobia em um menino de cinco anos** (1909). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol.X. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu** (1913). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol.X. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III): Conferência XXV: A ansiedade** (1916-1917 [1915-1917]). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol.XVI. Rio de Janeiro: Imago, 2006

FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer** (1920). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **Inibições, Sintomas e Ansiedade** (1926 [1925]). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol.XX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma Ilusão** (1927). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização** 1930). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

KEHL, Maria Rita. **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KIERKEGAARD, Soren. **O Conceito de Angústia**: Uma simples reflexão psicológica demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário (1844) Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KIERKEGAARD, Soren. **O Desespero Humano** (1849). São Paulo: Martin Claret, 2009.

LACAN, Jaques. **Televisão** (1974). In: Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p.508-543.

LAPLANCHE, Jean. **Problemáticas I**: a angústia (1980). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os Tempos Hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

QUINET, Antônio. **Psicose e laço social**: esquizofrenia, paranóia e melancolia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. 236p.

SARTRE, Jean-Paul. **O Existencialismo é um Humanismo** (1946). Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

UCHITEL, Myriam. **Novos tempos, novos sintomas**: novo lugar para a transferência. São Paulo: Revista Percurso. n°29: p.21-26, 2/2002